

Tumulto deixa quatro mortos e 271 feridos

Belo Horizonte — Quatro pessoas morreram esmagadas ou pisoteadas e outras 271 saíram feridas em um tumulto na entrada do Palácio da Liberdade, ontem à tarde, onde estava sendo velado o corpo do Presidente Tancredo Neves. A multidão forçou as grades de ferro do Palácio, rompeu o portão de ferro principal e só foi acalmada com um discurso de Dona Risoleta Neves, enquanto o Governo estadual, afim de evitar uma tragédia maior, decidiu iniciar a visita pública com quase três horas de antecedência.

Segundo o Governador Hélio Garcia, “foi um acidente” e que, se houver responsabilidades, ele as assume, pessoalmente. No Pronto-Socorro de Belo Horizonte há mais cinco feridos graves — dois no CTI e três na sala de emergência. A direção do hospital admite que o número de mortos pode aumentar.

Tragédia

A “tragédia coletiva”, como a classificou o presidente da Caixa Econômica de Minas, Roberto Brant, ocorreu às 15h20m, quando o povo derrubou as grades colocadas pelos soldados da Polícia Militar, nas proximidades do Palácio da Liberdade, e começou a se comprimir junto ao portão principal.

O locutor oficial, aos gritos, pedia calma aos populares que vaiavam os policiais postados junto aos muros do Palácio. Pouco depois, o portão principal dos jardins se abriu e dezenas de pessoas

que se comprimiam junto à entrada caíram, empurradas pelas que vinham atrás. Algumas foram pisoteadas.

Sem condições de se levantarem, as pessoas pisoteadas gritavam desesperadamente por socorro. Os policiais tentavam mas não conseguiram retirá-las. O povo, do lado de fora, gritava “queremos Tancredo”, enquanto o locutor oficial continuava pedindo calma.

Algumas pessoas começaram a tentar escalar os altos muros do Palácio da Liberdade. No início, os soldados tentaram impedir, mas, com a confusão, acabaram ajudando os invasores. Continuamente forçado, o portão principal foi arrombado às 15h46min.

Sebastiana Aquino Silva Souza, de 50 anos, e sua filha, Marta, estavam espremidas junto ao portão principal. Com o arrombamento, as pessoas entraram para o jardim. Alguns soldados já iam retirá-las, mas, ao notarem que estavam machucadas, encaminharam-nas para o serviço médico de emergência, montado nos jardins dos fundos.

No refeitório do Palácio foram improvisadas macas para atender com mais cuidado as vítimas, inicialmente socorridas na grama. As torneiras, que servem para irrigar o jardim, foram todas abertas e os soldados descobriram uma nova utilidade para seus capacetes: com eles, passaram a recolher água e jogar sobre as cabeças das pessoas que passavam mal, tentando reanimá-las.